

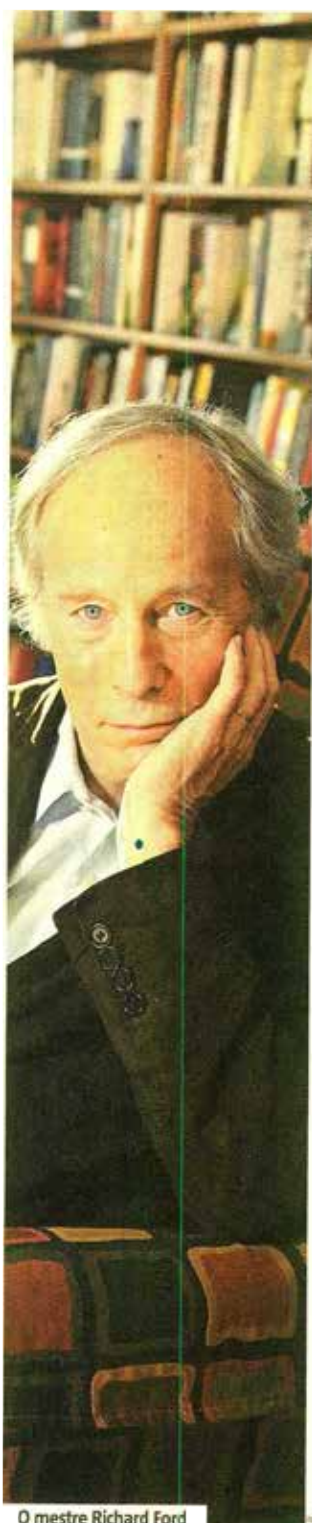
# Começar de novo

**Canadá** :: **Richard Ford** :: **Romance** :: **Porto Editora**  
:: **432 págs.** :: **€17,70** :: **Nota 100%**

**Eduardo Pitta:**  
O americano Richard Ford (n. 1944) é um dos raros autores de culto ainda vivos, voz ímpar da literatura contemporânea de que a trilogia de Bascombe é exemplo maior: "O Jornalista Desportivo" (1986), "Dia da Independência" (1995), vencedor dos prémios PEN/Faulkner e Pulitzer de Ficção, e "A Pele da Terra" (2006), cuja reedição se impõe. Largamente traduzido no nosso país, acaba de chegar às livrarias a obra mais recente, "Canadá", que em França recebeu o prémio Femina Étranger.

Na sua génese está uma aposta feita com Raymond Carver. Ambos foram caçar gansos para Saskatchewan, desafiando-se mutuamente a escrever um texto em que fizesse sentido inserir o nome dessa região do Sudoeste do Canadá. Carver morreu pouco depois. Ford tinha o livro pronto ao fim de 20 anos.

Dividido em três partes, narrado na primeira pessoa, abre de forma lapidar: "Contarei em primeiro lugar a história do assalto à mão armada que os nossos pais cometeram." Estamos em 1960, e Dell Parsons (o narrador) mais a irmã gémea, Berner, têm 15 anos. Nasceram na base de Wurtsmith, no Michigan, fruto do casamento "impossível"



O mestre Richard Ford

entre um oficial da Força Aérea americana e uma mulher judia de origem polaca. Extrovertido, o capitão Bev gostava de contar anedotas. A mulher, Neeva, odiava vida social, lia poesia francesa e cansou-se depressa da conjugalidade. O conflito marcou a identidade dos filhos. Único denominador comum: o casal apoiava a eleição de Kennedy.

Insatisfeito com a estreiteza de horizontes, Bev meteu-se em negócios ilícitos com índios, sendo obrigado a abandonar a vida militar. O assalto ao banco representou o corolário do desregramento familiar. Para Dell, a fractura do clá permitiu-lhe vida própria, do outro lado da fronteira, longe dos pais e da irmã, que escolheu viver à margem das convenções. Dell aprendeu o avesso do "catálogo de episódios aleatórios" da sua adolescência.

Sem a mínima concessão a qualquer tipo de piroeta semântica, Ford escreveu uma epopeia exemplar. A escrita seca, descritiva, isenta de ênfase, elegante no seu tom austero, tem o recorte dos clássicos. As passagens em que Dell rememora a sensação de liberdade sentida após a prisão dos pais, sozinho em casa com a irmã, são dignas de antologia. O "retrato" do Canadá, nas pp. 221-222, é um prodígio de síntese e ironia.

O flashback (a história é contada quando Dell abandona a docência) potencia a visão de conjunto. Poucas vezes o realismo "sujo" atinge o alto conseguimento de "Canadá". Em suma, um notável romance de aprendizagem. ▽